

## Rota de construcionalização do conector *daí que*: uma abordagem funcional centrada no uso

Ana Beatriz Arena<sup>1</sup>

Universidade Federal Fluminense

**Resumo:** O objeto de estudo do presente artigo é a expressão *daí que*. Na dimensão diacrônica, verificam-se instanciações possivelmente participantes da gênese do *daí que* como conector, em estruturas que Diewald (2006) denomina contextos atípicos (“*de aí se infere que*”) e críticos (“*Não se infira daí que*”). Sincronicamente, após passar por várias mudanças construcionais, *daí que* consolida-se como conector lógico-argumentativo, verificando-se perda de fronteira e de composicionalidade de seus componentes: “*A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele*” (Paulo Freire<sup>2</sup>). Esse último estágio é o que Diewald (2006) denomina contexto de isolamento. Com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), numa perspectiva dialógica entre Gramática de Construções, Gramaticalização de Construções e a perspectiva construcional de Traugott (2012) e Traugott e Trousdale (2013), entendem-se construções como o pareamento formassentido de duas ou mais palavras (CROFT, 2001). Assumimos as relações metonímicas, as pressões de informatividade, inferências sugeridas, subjetificações e (inter) subjetificações como elementos cruciais para o processo de construcionalização gramatical do conector lógico-argumentativo *daí que*. Compõem o *corpus* textos escritos a partir do século XVII até a sincronia contemporânea (séculos XX e XXI) da língua portuguesa.

**Palavras-chave:** *Daí que*. Gramaticalização de construções. Gramática de construções. Mudança construcional. Construcionalização.

### Introdução

No presente artigo, o foco de investigação é o conector *daí que*, de uso bastante recente na língua, do qual só se tem registro em textos escritos a partir da segunda metade do século XX. Na expressão de resultado, trata-se de elemento coesivo que estabelece relações de causalidade, sejam elas relações lógicas, no âmbito da causa-consequência, sejam elas relações discursivo-argumentativas, no âmbito da dedução, inferência. Encontram-se, também, usos intermediários que indicam um contínuo de possibilidades dentro do espectro

---

<sup>1</sup> Mestre em Língua Portuguesa (Universidade Federal Fluminense). Doutoranda em Estudos de Linguagem (Universidade Federal Fluminense). Graduada em Letras (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Atua como professora nos ensinos fundamental e médio das redes pública e particular. Revisora dos Cadernos de Saúde Pública (ENSP-FIOCRUZ). E-mail: [bia.arena@gmail.com](mailto:bia.arena@gmail.com).

<sup>2</sup> Paulo Freire – Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura. Campinas, SP, novembro de 1981.

lógico-argumentativo. Portanto, em face de sua ambiguidade pragmática, denominamos o *daí que* “conector lógico-argumentativo”.

Uma vez que nosso objeto de estudo é uma estrutura complexa, em que dois elementos – “daí” e “que” – formam juntos um único bloco forma-função, é fundamental que as mais recentes pesquisas e publicações relativas aos estudos sobre construções estejam na linha de frente desta investigação. Por encampar pressupostos da gramática de construções (Croft, 2001), da gramaticalização de contextos (Diewald, 2006) e da abordagem sobre mudanças construcionais e construcionalização de Traugott (2012) e Traugott & Trousdale (2013), a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) apresenta-se como esteio teórico ideal para a investigação da rota de mudanças percorrida pelo conector *daí que*.

Traugott (2012), buscando uma descrição coerente da construcionalização gramatical, destaca o desenvolvimento de construções ao longo do tempo. Admitindo que mudança é mudança no uso e que sucessivas micromudanças são tão importantes quanto ou até mais importantes do que macromudanças, a autora pauta sua abordagem, principalmente, na distinção entre o desenvolvimento de novas construções (construcionalização) e mudanças que afetam os subcomponentes de construções já existentes (mudanças construcionais). Traugott & Trousdale (2013, p. 1) assim definem, preliminarmente, cada uma:

- (a) Mudanças que afetam características de uma construção existente, por ex. semânticas (*will* - ‘intenção’ > futuro), morfofonológicas (*will* > ‘ll), restrições de colocação (expansão da construção *way* para incluir verbos denotadores de ações que acompanham a criação de um caminho, por ex. *whistle ones’s way home*) etc. Essas mudanças não levam necessariamente a uma nova construção. São chamadas ‘mudanças construcionais’.
- (b) A criação de um par forma<sub>nova</sub> – significado<sub>novo</sub>. Esse tipo de mudança é chamado ‘construcionalização’ (Tradução nossa).

A hipótese central é que a expressão *daí que* vem percorrendo trajetória de construcionalização. É possível que, por meio de perspectiva pancrônica, a origem do *daí que* seja reconhecida, analisando-se desde os primeiros contextos linguísticos que propiciaram seu surgimento – contexto atípico e contexto crítico (Diewald, 2006) –, as mudanças graduais em cada micropasso, até o seu uso sincrônico como conector lógico-argumentativo em contexto de isolamento (Diewald, 2006).

Os objetivos contemplam, metodologicamente, duas dimensões: diacrônica e sincrônica. Por meio da dimensão diacrônica, objetiva-se: a) testar o papel da teoria da inferência sugerida, do mecanismo da metonímia, do processo de (inter) subjetivação (Traugott, 2010b)

na mudança construcional do *daí que*; b) levantar os possíveis padrões semânticos, pragmáticos e sintáticos desses ambientes de transição; c) analisar as diferentes instanciações de cada uma das construções reconhecidas como possíveis participantes na gênese do conector *daí que*, a saber, contexto atípico e contexto crítico, a fim de reconhecer os micropassos da mudança construcional do *daí que*. Por meio da dimensão sincrônica, os objetivos são os seguintes: a) testar o modelo de construção de Croft (2001): pareamento forma-significado do *daí que*; b) reconhecer padrões de uso determinantes na sua fixação como conector; c) verificar as sequências tipológicas que se constituem como *loci* preferenciais da expressão *daí que*, ou se esta ainda não apresenta tal restrição.

Este artigo está organizado em quatro seções. Na primeira, “Formação do *daí que*”, são apresentados os elementos constituintes do conector. Na segunda, “A Linguística Funcional Centrada no Uso”, traçam-se, em linhas gerais, os pressupostos teóricos que ancoram este trabalho. Na terceira, “Rota de construcionalização do conector *daí que*”, são apresentadas análises de alguns dados, sendo possível verificar a rota que o conector vem percorrendo ao longo de sua trajetória de construcionalização, bem como os contextos em que ocorre com mais frequência. Na última seção, são apresentadas as “Considerações finais”.

### Formação do *daí que*

Possivelmente predominante na modalidade falada do português brasileiro, *daí que* também ocorre em textos escritos da sincronia contemporânea, aqui compreendida como a segunda metade do século XX e século XXI, não tendo sido encontrados registros em sincronias anteriores a estas. Por isso, em face do que indicam os dados analisados, é provável que se trate de uma construção que vem se firmando no português escrito no Brasil há poucas décadas. O exemplo a seguir ilustra o uso de *daí que* como conector lógico-argumentativo. O negrito é meu, a fim de destacar a expressão no conjunto, ação que se repetirá ao longo deste trabalho:

(1) A expulsão era mais ou menos esperada por todos, acho que, inclusive, pelo próprio avô. **Daí que** não fora providenciada a arrumação que botasse as coisas no lugar. E eu, que apressadamente julgara que ficaria livre da companhia de Francisquinho, tive de aturá-lo por muito tempo ainda... (Corpus do Português: O Piano e a Orquestra, Carlos H. Cony, 1996).

Em virtude de motivações pragmático-discursivas e sintático-semânticas, o conector *daí que* apresenta, em sua formação, três elementos que, conforme a tradição gramatical,

classificam-se morfologicamente como preposição: “de”, advérbio locativo “aí” e conjunção integrante “que”. Desse trio, cabem algumas observações preliminares referentes ao “aí” e ao “que”.

No que se refere ao “aí”, o foco recai no seu uso metaforizado, como recuperador de porções do texto, em função textual anafórica, ou como um articulador de partes do texto, em função gramatical. Sintaticamente, tem função argumental, complementando o verbo de uma oração matriz. Mesmo os dados coletados em textos mais antigos, que remontam ao século XVII, apontam para a confirmação do que Braga & Paiva (2012) e Souza (2012) demonstram em seus estudos: trata-se de um elemento polissêmico e multifuncional, ora em função textual anafórica, ora em função juntora intraoracional ou interoracional, estando, portanto, em processo de gramaticalização como conector. Diante disso, o “aí” torna-se o elemento-chave do trio que, no português contemporâneo, forma o *daí que*, um todo construcional de valor lógico-argumentativo.

Quanto ao “que”, sua classificação como conjunção integrante deve-se à estrutura linguística mais frequentemente flagrada nos textos coletados para a formação do *corpus* deste trabalho: oração matriz (OM) e oração encaixada (OE), as quais podem, ou não, fazer parte de uma estrutura frásica maior. Supostamente, é uma estrutura favorecedora do surgimento do conector *daí que*.

Por se tratar de investigação que compreende também estágios mais antigos da língua portuguesa, nos dados encontrados, os usos metaforizados dos constituintes “de” e “aí” aparecem codificados de três maneiras: pela forma contraída “daí”, a mais recente; pelo seu estágio anterior “d’aí”, provavelmente intermediário; ou por formas mais antigas ainda, em que cada elemento mantinha preservadas todas as suas propriedades gramaticais, como na locução adverbial “de aí”<sup>3</sup>. Por sua vez, o “que” mantém-se em sua forma já gramaticalizada como conjunção integrante, em consonância com a nomenclatura encontrada nos compêndios da tradição gramatical.

Os exemplos de (2) a (5) ilustram a ocorrência dos elementos constituintes do *daí que* conector em estruturas oracionais complexas:

(2) (...) e assim o escrevi a S. M, quando ainda de Paris lhe falei sôbre as cauções, mas temos por certo que não há-de bater por aí a maior dificuldade. Não sei em que S. M se pudesse conformar com o que escrevi a V. Ex.a, se **de aí** se infere **que** V. Ex. a não há-de jazer tratado, principalmente que o estado a que V. Ex. a o reduziu ultimamente é de muito diferente condição que as passadas (Domínio Público: Cartas, Padre Antonio Vieira, século XVII).

<sup>3</sup> A fim de padronizar, uso no texto a grafia contemporânea do “aí”.

(3) Verdadeiramente aqueles a quem se dá, não parece que se lhes dá por prêmio, senão por castigo. Ser no mundo mais ditoso, não é ser mais ditoso, é padecer mais tempo a ocasião de ser mofino. Quiçá vem **de aí que** ordinariamente os grandes são mais gloriosos; porque os grandes soem ser de ordinário os a quem se prepara maior penalidade (Corpus Histórico do Português Tycho Brahe: Cartas Familiares, Francisco Manuel de Melo, século XVII).

(4) Não me autorizarei mesmo de uma circunstância que alguém notou, a de estar a figura do primeiro imperador, que hoje se há de descobrir, com a constituição estendida para o lado do teatro, querendo **daí** concluir o malévolo **que** o pacto fundamental é uma comédia (MEC: Crônicas: Comentários da Semana 2413/1862. Machado de Assis, século XIX).

(5) A cidade do Rio de Janeiro é regularmente edificada. Não se infira **daí que** ela o seja conforme o estabelecido na teoria das perpendiculares e oblíquas; antes se conclua que a cidade se tem erguido, acorde com a topografia do local onde se assentou e com as vicissitudes históricas que sofreu (Corpus do Português: Diário Íntimo, Lima Barreto, século XX).

Enquanto, no exemplo (1), o *daí que* é empregado como conector, os exemplos de (2) a (5) instanciam quatro possibilidades diferentes de distribuição dos seus elementos formadores nas estruturas oracionais a que pertencem. É provável que essa variação na distribuição do “aí”, contraído ou não com a preposição “de”, deva-se à persistência (Hopper, 1991) de um dos traços adverbiais do locativo, a mobilidade, fundamental para a formação do conector *daí que*. Em (2) e (3), flagramos um estágio mais remoto de uso dos elementos “de” e “aí”, grafados ainda separadamente, cujas fronteiras ainda estão bem estabelecidas, indicando composicionalidade; já a forma contraída “daí”, nos exemplos (4) e (5), indica um estágio mais avançado no processo de gramaticalização do dêitico, de modo que ambos os elementos passam a formar um bloco estrutural, pareando forma e significado, ou, nos termos de Traugott (2008), uma microconstrução gramatical. Esse uso acumula a função anafórica com a de complemento verbal, o que, provavelmente, decorre da multifuncionalidade e polissemia do “aí”.

Chama a atenção a colocação da locução adverbial “de aí” ou da forma contraída “daí” nas sentenças, em virtude de uma movimentação de grande importância para este estudo: comparando-se as estruturas oracionais exemplificadas em (4) e (5), verifica-se que “daí” deixa de anteceder o verbo e posiciona-se ao lado do “que”. Essa mudança de posição é indício de que pressões contextuais estão atuando, gerando um novo contexto de uso para os elementos constituintes do conector *daí que*.

## A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

A sustentação teórica desta pesquisa é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que assume como elementos cruciais para o processo de gramaticalização de construções as relações metonímicas, as pressões de informatividade, as subjetivações e as intersubjetivações codificadas linguisticamente. Mas essa nova vertente compreende também a gramática como “representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a linguagem” (Furtado da Cunha, 2012), abrangendo, por isso, alguns pressupostos cognitivistas para o tratamento das questões pertinentes ao processo que envolve as ações mentais, como, por exemplo, concluir, deduzir, inferir.

Essa associação “cognitivo-funcional” (Furtado da Cunha, 2012) tem rendido frutíferos diálogos entre linguistas alinhados com as duas correntes. William Croft, de orientação cognitivista, desenvolve, em sua *Radical Construction Grammar* (Croft, 2001), uma teoria sobre sintaxe, isto é, uma teoria que caracteriza as estruturas gramaticais supostamente representadas na mente do falante (Croft, 2001, p. 3). O autor destaca que as construções são as unidades básicas de representação sintática, e as categorias são derivadas da(s) construção (ões) em que aparecem (Croft, 2001, p. 4). Em sua obra, Croft (2001, p. 18) desenvolve um modelo de análise de construções de forma contextualizada, pareando forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e sentido (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Os elementos sintáticos primitivos não são considerados atômica.

No que se refere à organização de construções, Croft retoma Langacker (1987, p. 63-76 *apud* Croft, 2001, p. 25) ao destacar que estas formam um rol estruturado do conhecimento que o falante tem das convenções de sua língua. Esse rol é normalmente representado em termos de uma rede taxonômica de construções. Diante disso, qualquer construção com propriedades morfológicas, sintáticas, lexicais, semânticas, pragmáticas ou discursivo-funcionais únicas, idiossincráticas, deve ser representada como um nó independente na rede construcional, a fim de capturar o conhecimento que o falante tem da sua língua. Nessa perspectiva de língua como rede de relações entre construções, amparada pelo modelo baseado no uso, as mudanças estão interconectadas, as redes aumentam, ou se contraem.

Aprofundando o diálogo cognitivo-funcional, Traugott (2008a) lembra que nem sempre é claro que “construção” significa muito mais do que “cadeia sintática” ou “cadeia em um contexto morfossintático” (Traugott, 2008a, p. 221). Segundo a autora, há multicamadas na gramaticalização, a qual envolve várias mudanças correlacionadas, destacando os

ambientes pragmáticos e semânticos para a mudança morfossintática (Traugott, 2008a, p. 222). A comprovação de que não só o diálogo cognitivo-funcional está aberto, como também há interação entre as duas correntes, é o fato de Traugott (2008a, p. 224), além de defender o modelo de Croft (2001), testá-lo no seu estudo sobre o desenvolvimento dos modificadores de grau em inglês (2008a).

Também em franco diálogo com a perspectiva cognitivista, Bybee (2010, p. 12), defendendo que os processos cognitivos de domínio geral aplicam-se ao uso linguístico, também investiga como a frequência afeta a estrutura. Em trabalho sobre o papel da frequência como um dos mecanismos da mudança linguística, a autora (Bybee, 2003) destaca que uma das mais notáveis características dos morfemas gramaticais e das construções nas quais eles ocorrem é sua frequência extremamente alta, quando comparados com morfemas lexicais típicos. Esse resultado decorre de um aumento no número (frequência *token*) e tipos de contextos (frequência *type*) aos quais esses morfemas gramaticais são adequados. Frequência *token*, portanto, é o número de vezes que uma cadeia em particular ocorre em um texto ou *corpus*. Já a frequência *type* conta quantos itens diferentes ocorrem nos espaços (*slots*) esquemáticos das construções. Assim, segundo Bybee, frequência não é apenas um resultado da gramaticalização; é também um colaborador primário para o processo de gramaticalização, uma força ativa instigando as mudanças que ocorrem (Bybee, 2003, p. 602).

Finalmente, mas não menos importante neste arcabouço teórico, a proposta de Diewald (2006) para o tratamento dos três contextos potencialmente propiciadores da construcionalização do *daí que*, mostra-se altamente produtiva. A autora sugere um modelo integrador dos aspectos semânticos, morfológicos e estruturais na definição dos vários tipos de contextos presentes no processo de gramaticalização, numa perspectiva diacrônica. São três os estágios que participam do surgimento das funções gramaticais (Diewald, 2006, p. 4):

Estágio	Contexto	Significado/Função
I- pré-condições de gramaticalização	atípico	implicaturas conversacionais
II- gatilho para a gramaticalização	crítico	opacidade múltipla
III- reorganização e diferenciação	isolamento	polissêmico/heterossêmico

**Quadro 1.** Tipos de contextos em gramaticalização como construções<sup>4</sup>

Resumidamente, apresentamos a exposição da autora, para quem cada estágio é associado com um tipo particular de contexto (Diewald, 2006, p. 4-5):

<sup>4</sup> **Fonte:** Diewald, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV1-9 2006.

1. Contexto atípico: É o primeiro estágio. Apresenta pré-condições de gramaticalização; presença de implicaturas conversacionais. Há uma expansão inespecífica da distribuição da unidade lexical para contextos nos quais a unidade ainda não havia sido usada.
2. Contexto crítico: É o segundo estágio, associado com uma construção altamente marcada. Descreve o real gatilho do processo de gramaticalização. Caracteriza-se por múltiplas situações de opacidade estrutural e semântica, levando, por isso, a várias possibilidades de interpretação, entre elas o novo significado gramatical.
3. Contexto de isolamento: Terceiro estágio. Apresenta a consolidação do processo de gramaticalização, isto é, apresenta a reorganização e diferenciação dos formativos gramaticais (afixos derivacionais ou flexionais) e o paradigma, que é a categoria-alvo do processo de gramaticalização em curso. Nesta fase, o novo significado gramatical é isolado como um significado separado do mais antigo, mais lexical.

### Rota de construcionalização do conector *daí que*

Em linhas gerais, considerando-se o que até aqui foi apresentado, há fortes indícios de que casos como os exemplificados em (2) e (4) enquadram-se no primeiro estágio de gramaticalização de contextos, o **atípico**. No que diz respeito apenas aos elementos constituintes do conector *daí que*, cada um ainda guarda suas propriedades gramaticais. Segundo o pressuposto de Diewald (2006, p. 4), nesse primeiro estágio, não há ainda ambiguidades ou opacidades no uso dos elementos constituintes que permitam confusão com o futuro conector *daí que*; todavia, já se percebem pressões contextuais, uma vez que são contextos em que predominam sequências tipológicas argumentativas, e uso de expressões verbais metaforizadas, de valor semântico relacionado ao domínio cognitivo, denotando subjetividades. O exemplo (6) ilustra mais um caso de contexto atípico:

(6) Vários especialistas têm confirmado essas experiências. Cientistas norte-americanos têm observado que os ovos de gema grande são em geral do sexo feminino. Ora a gemma sendo mais leve do que a clara, **dahi** resulta **que** os ovos mais leve são os que dão productos do sexo feminino (Almanach de Porto Alegre, 1920. Autor desconhecido).

Por sua vez, casos como os exemplificados em (3) e (5) são contextos **críticos** para o surgimento da conector *daí que*. Em ambas as instanciações, é possível perceber que, embora os elementos constituintes do conector *daí que* ainda mantenham, cada um, suas propriedades sintático-semânticas, a movimentação do “de aí”/”daí” para o lado do “que” é indicativo de que pressões de informatividade e inferências sugeridas (Traugott & Dasher, 2005) começam a atuar de forma mais contundente. Trata-se de um contexto em que predominam ações



cognitivas, por meio das quais se expressam conclusões e deduções. Esse ambiente linguístico gera ambiguidades e, metonimicamente, permite leituras cada vez mais metafóricas para os constituintes do conector *daí que*. Também constitui contexto crítico o exemplo (7):

(7) Outro aspecto mal compreendido é o de que a alfabetização é a transposição do código oral para o grafêmico. Decorre **daí que** são necessários dados mais precisos sobre o desenvolvimento cognitivo e linguístico como pré-requisitos para a leitura e a escrita (*Importância dos pré-requisitos na alfabetização: o papel da pré-escola*. Resumos analíticos em Educação, v. 2. Leonor Scliar Cabral & Nilcea Lemos Pelandre, 1991).

Finalmente, retornando ao exemplo (1), observa-se que este se insere no terceiro estágio, conforme apresentado no quadro 1: o contexto de **isolamento**, em que é reconhecido o uso do *daí que* como conector lógico-argumentativo. Nesse contexto não se percebe mais a composicionalidade dos elementos constituintes, mas, sim, perda de fronteiras entre eles, expansão sintática e semântico-pragmática, confirmando o que preconizam Traugott & König (1991) sobre a importância dos ambientes pragmáticos e semânticos para a mudança morfossintática. Forma-se, assim, uma nova microconstrução gramatical, pareando forma-significado. O exemplo (8) instância mais um caso de contexto de isolamento:

(8) A língua é uma das ferramentas para a construção do conhecimento; por meio dela a socialização é alcançada, para reunir dados pelo diálogo, colocação de hipóteses ante os demais; **daí que** a comprovação do aprendido é o que estamos fazendo na escola (*Referência à Importância da Língua na Educação*. Ubaldo Gardea Carrillo, 2007).

O quadro 2 apresenta numericamente, século a século, o total de textos escritos encontrados por meio de busca da expressão “daí”, além das ocorrências de cada contexto e seus respectivos percentuais. Para os séculos XVII a XIX, foram consultados três *corpora* eletrônicos *on-line*: Corpus do Português, Tycho Brahe e Brasileira; para a sincronia contemporânea, foram consultados o Corpus do Português, o Domínio Público, além de páginas da revista Superinteressante e de publicações do Scielo. Em seguida, foi feito o reconhecimento dos contextos como sendo atípicos, críticos ou de isolamento, após verificar se havia articulação da expressão “daí” com a conjunção integrante “que”.

Total de ocorrências do “daí” por séculos	Contextos <sup>5</sup>		
	Atípico	Crítico	Isolamento
XVII: 228	<b>18</b> (8%)	<b>3</b> (1,3%)	<b>0</b>
XVIII: 177	<b>19</b> (10%)	<b>6</b> (3,4%)	<b>0</b>
XIX: 2.398	<b>59</b> (2,6%)	<b>23</b> (0,9%)	<b>0</b>
XX/XXI: 2.917	<b>114</b> (4%)	<b>57</b> (2%)	<b>172</b> (6%)

<sup>5</sup> Os contextos somente foram considerados atípicos, críticos ou de isolamento se o “daí” estivesse articulado com o “que”.

**Quadro 2.** Número de ocorrências total da expressão "daí" e frequência *token* de contextos atípico, crítico e de isolamento encontrados, por séculos

Em análise ainda preliminar, os números permitem duas observações. A primeira é que os três contextos coexistem em mesmas sincronias: o atípico e o crítico do século XVII ao XXI; na sincronia contemporânea, se junta a estes dois o contexto de isolamento. Segundo Traugott (comunicação pessoal, 2012), essa coexistência é possível, já que um contexto não precisa, necessariamente, desaparecer, para que outro surja. A segunda observação é que parece se confirmar o pressuposto de Diewald (2006, p. 3) de que o contexto crítico tem curta duração. Na análise numérica, verifica-se que, em todas as sincronias, os percentuais encontrados são menores do que aqueles verificados para o contexto atípico. Uma explicação para esse achado pode ser o fato de que o contexto crítico, por ser o favorecedor de ambiguidades, seja mais evitado pelo usuário. Por outro lado, também é possível considerar que esse contexto, por já estar começando a se especializar para a ação cognitiva de concluir, inferir, deduzir, apresente maiores restrições, sendo acionado mais especificamente para esses usos.

Uma vez que a LFCU encampa pesquisas que dão conta da gradualidade e da gradiência dos usos linguísticos, a análise dos dados considera as duas dimensões históricas: diacrônica e sincrônica.

Na análise diacrônica, reconhecemos os micropassos da mudança construcional em estrutura oracional complexa (matriz + completiva), na qual "daí", elemento anafórico, que atua como argumento ou modificador do verbo, e "que", conjunção integrante, resguardam, cada um, suas idiossincrasias textuais e gramaticais. Cada micropasso está destacado em negrito para melhor reconhecimento da gradualidade da mudança. O exemplo (9) ilustra o primeiro estágio; (10), o segundo; (11), o terceiro.

#### Estágio 1. Contexto atípico

(de aí/daí)	Verbo	(que)	>	Verbo	(daí)	(que)	>	(daí que)
↓		↓		↓	↓	↓		↓
<b>anaf.</b>		<b>conj.</b>		anaf.;	conj.	conector		
<b>argum./</b>		<b>int.</b>		argum./	int.			
<b>modif.</b>				modif.				

(9) Tudo tem fim, e esta história também o tem. Vossa Excelência se dignou de a querer ouvir, e agora se indignará de a ver mal contada. **Daí se seguirá que** tirarei tão boas certidões das histórias como dos contos, e que não só morrerei praticante, porém riscado do número dos bons escrivães (Cartas, Cavaleiro de Oliveira, 1756, século XVIII).

Nesse contexto, a estrutura oracional apresenta relevante grau de esquematicidade, confirmando os pressupostos de Bybee (2003) a respeito do papel da frequência como colaborador primário para o processo de gramaticalização. No que se refere à frequência *type*, verificamos que:

a) 35 verbos diferentes preencheram o *slot* do verbo (V) ao longo de todas as sincronias, isto é, a estrutura oracional representada no estágio 1 apresenta-se bastante produtiva;

b) há esquematicidade crescente: de seis verbos diferentes no século XVII, para vinte na sincronia contemporânea;

c) “vir”, com cinquenta ocorrências, foi o verbo mais usado; “concluir”, com dezessete, e “resultar”, com quinze, também se mostraram produtivos;

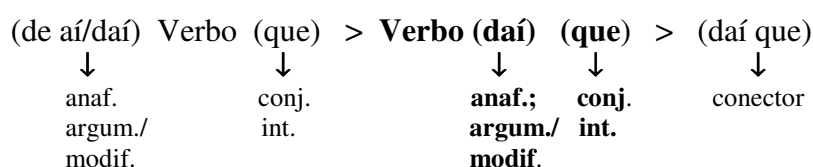
d) a partir da segunda metade do século XX, “concluir”, com dez ocorrências, passou a ocupar a primeira posição em frequência de uso.

Confirmando o pressuposto de Diewald (2006:4), o contexto atípico apresenta pré-condições de gramaticalização:

a) presença de implicaturas: ruptura com os sentidos mais básicos de “daí” (locativo) e “vem” (movimento físico);

b) expansão inespecífica da distribuição do “daí” (constituente “mais lexical” do par) para contextos nos quais ainda não havia sido usado: articula-se com o “que” em estruturas oracionais complexas; complementa ou modifica verbos cognitivos ou metaforizados como tal.

### Estágio 2. Contexto crítico



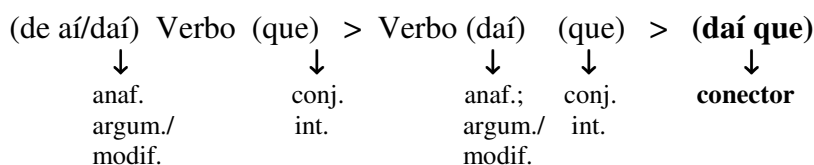
(10) (...) Isabel, a Redentora; (...) exortávamo-la a perseverar nesse sistema de governar, porque enquanto houvesse honra e sangue abolicionistas o seu trono seria sagrado. *Inferir-se daí que* eu tentei fechar todas as válvulas da democracia brasileira, que dei o futuro da pátria em hipoteca ao 13 de maio, sem levar em linha de conta o complemento necessário da nova era nacional, é forçar a lógica para tirar uma conclusão arbitrária (A Campanha Abolicionista, José do Patrocínio, sem data, séc. XIX).

Ainda considerando a frequência *type*, o contexto crítico também apresenta produtividade e esquematicidade, porém em menor grau:

- a) 14 verbos diferentes preencheram o *slot* do verbo em todas as sincronias;
- b) esquematicidade crescente, passando do uso de dois verbos no século XVII, para doze na sincronia contemporânea;
- c) “resultar”, com doze ocorrências, foi o mais usado; “seguir-se”, com dez, “concluir” e “decorrer”, com nove, também se mostraram produtivos;
- d) a partir da segunda metade do século XX, o verbo “decorrer”, com oito ocorrências, passou a ocupar a primeira posição em frequência de uso.

O pressuposto de Diewald para esse contexto se confirma no que se refere à opacidade estrutural, pois os constituintes “daí” e “que” se apresentam lado a lado. Essa nova estrutura, altamente marcada pela subjetividade e argumentatividade da sequência tipológica, possibilita a interpretação do novo significado gramatical, que se confirma no estágio a seguir.

### Estágio 3. Contexto de isolamento



(11) Entendemos que a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, **daí que** o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual, ao aprimoramento pessoal foram as razões que nos conduziram ao doutorado em educação, por considerá-lo o *locus* privilegiado para questionamentos acerca de saberes profissionais (Tese de doutorado, Maria Solange Pereira, 2001).

No contexto de isolamento, o *daí que*:

- a) consolida a sua construcionalização como conector lógico-argumentativo e já não depende de implicaturas;
- b) torna-se um nó independente, passando a fazer parte de um paradigma, o das locuções conjuntivas, contribuindo para sua produtividade;
- c) atua como um conector, articulando porções do texto, promovendo a continuidade e progressão textual;
- d) o novo significado (lógico-argumentativo) está isolado do significado mais lexical (dêitico locativo).

Ao lado das locuções *de modo que*, *de maneira que*, *de forma que*, o conector *daí que* compõe um novo *type* no paradigma das locuções conjuntivas, aumentando a produtividade dessa construção.

Na dimensão sincrônica, a análise se detém nos padrões de uso e na gradiência do conector lógico-argumentativo *daí que*. Na avaliação dos dados, foi possível perceber que o conector articula não só eventos mais factuais, em nível de *dictum*, como as relações lógicas de causa e consequência, mas também eventos mais abstratos, como as proposições nas relações de argumentação, presentes na inferência ou dedução, em nível de *modus*. Trata-se de gradiência decorrente do que Traugott & Trousdale (2013:200) chamam de ambiguidade pragmática, caso em que uma construção tem um só valor semântico, que é pragmaticamente aplicado de formas diferentes de acordo com o contexto pragmático. No caso do *daí que*, o conector tem um só valor semântico, o de resultado, que pragmaticamente é aplicado a, pelo menos, duas formas diferentes, de acordo com o contexto: pode expressar causa-consequência, no âmbito das factualidades, ou inferências, deduções, no âmbito das relações mais abstratas, em que se verifica a atitude do enunciador.

Neste estudo, as sequências tipológicas constituem a base do contexto pragmático, já que as pressões contextuais, metonímicas, presentes em cada sequência, concorrem para a construcionalização do *daí que*. Ademais, também há indícios de que, conforme o ambiente pragmático, o uso do conector se dá em posição intrafrásica ou interfrásica. Os exemplos (12) a (15) ilustram alguns padrões de uso e gradiência do conector lógico-argumentativo *daí que*.

#### Relação causa-consequência em sequência narrativa

(12) A rampa de acesso às garagens fica a metro e meio da janela do meu quarto, **daí que** fico obrigado a ouvir os ruídos qualquer hora do dia e da noite e a receber os fumos dos escapes dos carros (Acção em tribunal contra a Câmara da Guarda, Jornal da Beira, 29/4/1997).

(13) A expulsão era mais ou menos esperada por todos, acho que, inclusive, pelo próprio avô. **Daí que** não fora providenciada a arrumação que botasse as coisas no lugar (O Piano e a Orquestra, Carlos H. Cony, 1996).

#### Proposição-dedução/inferência em sequência argumentativa

(14) E a gente é meio burro. Homem pega no tranco e pega o fiapo pelo todo. O que você sugerir, ele vai entender, vai cristalizar. **Daí que** por mais chauvinista, por mais suíno, por mais horrendo que seja o que vou dizer, eu direi: quem perder o tom e exagerar nessa sugestão de sutia vai ganhar um cara que te vê como uma safadinha doida pra transar ou uma sujeita cafona (Coluna da Revista Marie Claire, 2012).

(15) A estrutura do poder reflete hoje somente um determinado modo de encaminhamento das decisões no labirinto organizacional da máquina pública. **Daí que** novas formas de corrupção podem florescer (Sem Automatismo, Tarcísio Padilha Jr., *Jornal do Brasil*, 2013).

Nos exemplos (12) e (13), é possível verificar os seguintes padrões de uso para o conector lógico-argumentativo *daí que*:

- a) a articulação se dá entre orações (intrafrásica) ou entre períodos (interfrásica);
- b) são verificadas relações externas, mais factuais, referenciais;
- c) ambos os trechos apontam para uma relação mais estreitas entre as orações ou períodos;
- d) seu uso é menos entrincheirado, pois se distribui por outras sequências tipológicas, além da narrativa;
- e) aproxima-se do que Koch (1992) chama de conector lógico.

Diferentemente do que se verificou nos exemplos anteriores, nos exemplos (14) e (15) os padrões de uso do *daí que* são os seguintes:

- a) a articulação se dá entre períodos (interfrásica);
- b) são verificadas relações mais abstratas, inferenciais;
- c) reconhece-se um processo de (inter)subjetivação; relação epistêmica de atitude do enunciador;
- d) ambos os trechos apontam para uma relação sintaticamente mais frouxa entre o período encabeçado pelo conector *daí que* e a oração anterior;
- e) há maior entrincheiramento, com predomínio absoluto de sequências argumentativas.
- f) aproxima-se do que Koch (1992) chama de operador argumentativo.

A gradiência se dá entre os dois polos da ambiguidade pragmática. No trecho exemplificado em (12), a relação entre as duas orações unidas pelo *daí que* é a mais estreita de todas, de maior dependência sintático-semântica, estando ambas na mesma estrutura frasal. Trata-se de dois eventos, numa relação factual de causa (*A rampa de acesso às garagens fica a metro e meio da janela do meu quarto*) e consequência (*fico obrigado a ouvir os ruídos qualquer hora do dia e da noite e a receber os fumos dos escapes dos carros*), sendo a oração que codifica o segundo evento introduzida pelo conector *daí que*. Em (13), também se verifica relação consecutiva, factual, entre as orações, porém a relação entre elas é um pouco menos

estreita, já que o conector inicia novo período. Nos trechos instanciados em (14) e (15), o conector *daí que* é empregado para introduzir um ponto de vista do enunciador a respeito do que foi apresentado na porção textual antecedente. Nas duas ocorrências, o conector anuncia um fragmento marcado pela (inter) subjetivação, no entanto, o último caso é o mais subjetivo de todos, pois apresenta um marcador epistêmico, codificado pelo verbo modal “podem”. O quadro 3 apresenta os achados relativos aos padrões de uso do *daí que*:

Sequências	Relações consecutivas		Relações inferenciais	
	Articulação		Articulação	
	intrafrásica	interfrásica	intrafrásica	interfrásica
Narrativa	5	37	–	–
Argumentativa	9	19	22	58
Expositiva	5	12	1	1
Injuntiva	2	1	–	–
	<b>21 (12%)</b>	<b>69 (40%)</b>	<b>23 (13,5%)</b>	<b>59 (34,5%)</b>
<b>TOTAL (172)</b>	Distribuído entre todas as sequências, com predomínio para a articulação interfrásica na sequência narrativa.		Concentrado na sequência argumentativa, com predomínio para a articulação interfrásica.	

**Quadro 3.** Frequência *token* das relações expressas pelo conector lógico-argumentativo *daí que*, segundo articulação intrafrásica e interfrásica, por sequências tipológicas

### Considerações finais

Do ponto de vista da LFCU e com base nos pressupostos da gramática de construções, segundo Croft (2001), o conector *daí que* vem apresentando alguns fenômenos próprios do processo de construcionalização, como:

- a) gradualidade: mudança em micropassos, em que os usos novos convivem com os anteriores;
- b) gradiência: usos com menor nível de gramaticalidade, como nas relações mais factuais, e usos com maior nível de gramaticalidade, como nas relações argumentativas;
- b) mais > menos composicionalidade semântica;
- c) fusão: cristalização e fixação de estrutura;
- d) perda de fronteira: junção e coalescência (redução de segmentos fonológicos, resultante da fusão de itens) = (de aí > daí);
- e) pareamento forma-sentido: *daí que* é uma microconstrução com valor resultativo;
- e) metonimização: processo de mudança que surge no contexto, ou inferência sugerida, mediadora da transferência metafórica;

f) metaforização: transferência de sentidos de valores mais concretos e mais acessíveis à experiência humana (eventos) para mais abstratos ou menos acessíveis (conclusão, inferência).

Confirmamos, portanto, nossas hipóteses de que, após passar por mudanças construcionais ao longo da sua rota de construcionalização, a microconstrução *daí que* configura-se, hoje, como um conector lógico-argumentativo, pareando forma-significado. Funciona como elemento coesivo, alinhando-se ao paradigma das locuções conjuntivas e, assim como de *modo que*, *de maneira que* ou *de sorte que*, o conector *daí que* vem se especializando na expressão de resultado, sendo empregado pragmaticamente em relações mais factuais, como as consecutivas, ou mais modalizadas e subjetivas, como as conclusivas.

Este artigo apresenta um recorte do universo estudado em nossa tese de doutorado, em fase final de elaboração, e esperamos que possa contribuir para os estudos de linguagem em geral e, especificamente, para os estudos sobre mudança linguística centrada no uso.

#### Referências bibliográficas:

BRAGA, Maria L.; PAIVA, Maria da C. Multifuncionalidade categorial e funcional da proforma *aí*. In: *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 53-65.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Eds.). *A handbook of historical linguistics*. London: Blackwell, 2003. p. 602-623.

\_\_\_\_\_. *Language, Usage and Cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, Gabriele. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions* SV, 2006, p. 1-9.

FURTADO DA CUNHA, Maria A. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funcional). In: SOUZA, Medianeira *et al.* (Orgs.) *Sintaxe em Foco*. Recife: PPGL; UFPE, 2012, p. 29-49.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C. e HEINE, B. (Orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.



KOCH, Ingedore G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: CLEMENTE, Elvo (Org.) *Linguística Aplicada ao ensino de Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

SOUZA, Edson Rosa. Um estudo discursivo-funcional de *assim, já e aí* no português falado do noroeste paulista. In: *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012:67-92.

TRAUGOTT, Elizabeth C. Toward a coherent account of Grammatical Construcionalization. Draft for a volume on historical construction grammar. In: Elena Smirnova, Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer (Eds.). March 2<sup>nd</sup>, 2012.

\_\_\_\_\_. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: CUYCKENS Hubert et al. (eds). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization. Topics in English Linguistics*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2010.

\_\_\_\_\_. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English. In: REGINE, E. et al. (Orgs.). *Variation, selection, development probing the evolutionary model of language change*. New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-252.

\_\_\_\_\_.; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

\_\_\_\_\_.; KÖNIG. Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: Traugott, E. C.; Heine, Bernd (Eds.). *Approaches to Gramaticalization*. Vol. 1, Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp. 189-218.

\_\_\_\_\_.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

### **Rota de construcionalização do conector *daí que*: uma abordagem funcional centrada no uso**

**Abstract:** In this paper, we aim to study the expression *daí que*, in diachronic process of grammaticalization and assuming synchronically the status of a connector. Diachronically, the onset contexts of *daí que* are structures that Diewald (2006) calls untypical contexts (“*de aí se infere que*”) and critical contexts (“*Não se infira daí que*”). In synchronic dimension, after undergo reanalysis, *daí que* functions as a logic-argumentative connector, and there is loss of compositionality of its components, as in: “*A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele*” (Paulo Freire). This last stage is what Diewald (2006) calls isolated context. Based on the theoretical assumptions of Usage-based Functional Linguistics, in a dialogical perspective that

reunites construction grammar, grammaticalization of constructions and the constructional perspective as defined by Traugott (2012) and Traugott & Trousdale (2013), constructions are understood as form-meaning pairings of two or more words (Croft 2001). We assume that metonymic relations, invited inferences, subjectification and (inter)subjectification are crucial to the process of grammatical constructionalization of the logic-argumentative connector *daí que*. The *corpus* is formed by Portuguese written texts dating from the 17<sup>th</sup> century to the contemporary synchrony (20<sup>th</sup> and 21<sup>st</sup> centuries).

**Key words:** *Daí que*. Grammaticalization of constructions. Construction grammar. Constructional change. Construcionalization.

**Recebido em:** 19 de outubro de 2014.

**Aprovado em:** 10 de dezembro de 2014.